



## FLUXOS DE INFORMAÇÃO NO CIBERESPAÇO Temporalidades emergentes<sup>1</sup>

Geane Carvalho Alzamora

Professora Adjunta da Faculdade de Comunicação e Artes da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho discute as especificidades espaço-temporais das interações sociocomunicacionais mediadas por dispositivos contemporâneos de comunicação. Parte-se da premissa de que os meios de comunicação concretizam espacialmente relações temporais tecnicamente mediadas, conforme a lógica comunicacional dominante. Assim, os dispositivos contemporâneos de comunicação conectam, em temporalidades variadas, os fluxos de informação que trafegam pelo ciberespaço. Pelo prisma da semiótica peirceana, cujos princípios reguladores sugerem desdobramento contínuo e irreversível das lógicas comunicacionais, discute-se como a lógica reticular da hipermídia delinea temporalidades emergentes no ciberespaço. Longe de significar rupturas, a lógica comunicacional da hipermídia é aqui considerada um desdobramento semiótico que tensiona a perspectiva espaço-temporal da lógica midiática de comunicação.

### Palavras-chave

Ciberespaço, Semiótica; Temporalidades; comunicação; informação

### 1. A informação no ciberespaço: deslocamentos espaço-temporais

Nas sociedades orais, as informações<sup>3</sup> eram consumidas na mesma esfera espaço-temporal na qual eram produzidas, razão pela qual os anciãos eram considerados depositários vivos da memória social, pois, através deles, as informações poderiam ser

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Semiótica da Comunicação

<sup>2</sup> Geane Carvalho Alzamora é jornalista, doutora em Comunicação e Semiótica (PUC SP) e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social – Interações Midiáticas (FCA/PUC Minas), onde coordena o grupo de pesquisa (CNPq) Comunicação e Redes Hipermidiáticas. [geanealzamora@uol.com.br](mailto:geanealzamora@uol.com.br)

<sup>3</sup> Informação é um termo polissêmico, freqüentemente associado à aquisição de conhecimento. Neste trabalho, o termo é usado para designar os dados transmitidos e os sentidos partilhados nos processos comunicacionais. Esta noção se fundamenta na semiótica peirceana, segundo a qual informação, como aquisição de conhecimento, refere-se ao produto simbólico da denotação (extensão; determinação sígnica do objeto) e da conotação (profundidade; representação sígnica do interpretante). Sobre o assunto ver ALZAMORA, 2004.



consumidas em momentos posteriores à sua produção. Com o advento da escrita e, mais tarde, da cultura impressa, as informações passaram a ser armazenadas em dispositivos técnicos<sup>4</sup>. Conseqüentemente, puderam ser consumidas em esferas espaço-temporais diversificadas. A partir de então, cada vez mais se distanciou produção e consumo da informação por intermédio dos dispositivos técnicos de produção, armazenamento e difusão das informações. A sofisticação crescente de tais dispositivos enfatiza a diversidade das esferas espaço-temporais a eles relacionada.

Se a cultura impressa significou ampliação da capacidade técnica de inscrição espacial de informações destinadas a serem consumidas em temporalidades diferenciadas, a cultura de massa redimensionou essa perspectiva, na medida em que diversificou os meios técnicos de inscrição espacial das informações, possibilitando, através de processos diferenciados de produção, armazenamento e difusão de informação, dilatação das possibilidades temporais de recepção. Tanto a informação poderia ser consumida simultaneamente em espaços diversificados no momento da produção, como nas tomadas ao vivo de rádio e televisão, quanto poderiam ser consumidas em espaços variados e em momentos posteriores diferenciados, como nas temporalidades marcadas pelas periodicidades de jornais e revistas.

De modo geral, os meios de comunicação de massa caracterizam-se por difundirem, a partir de um centro irradiador da informação, uma mensagem comum a um conjunto tão mais amplo e heterogêneo quanto possível de receptores dispersos geograficamente. Essa perspectiva comunicacional funda-se na separação entre os meios de produção, armazenamento e difusão da informação, cabendo aos centros de emissão o poder de difundir a informação produzida e armazenada em perspectiva empresarial.

A lógica comunicacional de massa prioriza, portanto, a ação dos emissores sobre os receptores, sendo caracterizada pela idéia de transmissão<sup>5</sup>. A ação dos receptores sobre a informação transmitida pelos dispositivos técnicos de comunicação de massa é sempre

---

<sup>4</sup> Segundo Deleuze (1990), um dispositivo é um emaranhado de linhas de forças, visibilidades, enunciação e subjetivação relacionadas entre si, de modo a revelarem aspectos estéticos, políticos e científicos que nos atravessam e aos quais pertencemos. Para Polistchuk e Trinta (2003), uma técnica forma domínio especializado da atividade prática no âmbito do conhecimento. Dispositivos técnicos, portanto, são vetores de agregação social através dos quais têm lugar relações sociocomunicacionais mediadas por fluxos de informação. Estes promovem a disseminação do conhecimento, revelando aspectos estéticos, políticos e científicos das relações sociocomunicacionais tecnicamente mediadas. Assume-se aqui a hipótese de que os dispositivos técnicos de comunicação obedecem a uma determinada lógica comunicacional e, desse modo, propiciam relações espaço-temporais específicas, observáveis no modo como se conformam os fluxos de informação que emergem de cada dispositivo técnico de comunicação.

<sup>5</sup> A idéia de transmissão delinea os meios de comunicação de massa, cujos aparatos técnicos não permitem a interlocução direta independente da mediação dos emissores, nem a alteração das informações em curso por parte do público receptor. Sobre a perspectiva transmissiva dos meios de comunicação de massa ver ALZAMORA, 2006.



indireta e marcada por temporalidades diferenciadas, através das quais as informações circulam socialmente e interferem, de forma difusa e diferida, no sistema de produção<sup>6</sup>.

A lógica hipermediática de comunicação, por outro lado, prioriza aspectos colaborativos da informação, salientando as múltiplas dimensões, presenteístas ou não, dos intercâmbios de informação no ciberespaço<sup>7</sup>. Essa perspectiva pressupõe a disseminação de processos descentralizados de comunicação, que se referem à diversificação das mediações sociais no ciberespaço e à sobreposição de camadas de informação, que revelam temporalidades variadas e simultâneas.

O ciberespaço configura-se como um espaço multidimensional, virtual<sup>8</sup> e constantemente ampliável de produção, armazenamento, difusão e intercâmbio de informações digitalizadas<sup>9</sup>, sendo “a navegação o trajeto pelos fluxos de informações” (LEMOS, 2002, p.168) que se conectam uns aos outros, em processos de comutação que tendem ao infinito. De acordo com Lévy (1999), as informações no ciberespaço promovem uma espécie de descolamento do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio ou do calendário.

É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a virtualização lhes fez tomar a tangente. Recortam o espaço-tempo clássico apenas aqui e ali, escapando a seus lugares comuns ‘realistas’: ubiquidade, simultaneidade, distribuição irradiada ou massivamente paralela. A virtualização submete a narrativa clássica a uma prova rude: a unidade de tempo sem unidade de lugar (graças às interações em tempo real por redes eletrônicas, às transmissões ao vivo, aos sistemas de telepresença), continuidade de ação apesar de uma duração descontínua (como na comunicação por secretária eletrônica ou por correio eletrônico). A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo (LÉVY, 1999, p. 21).

As implicações dessa situação espaço-temporal na lógica reticular da hipermídia são inúmeras. Do ponto de vista da informação partilhada, por exemplo, significa que a noção de transmissão deixa de ser preponderante, tal como ocorre nos meios de massa,

---

<sup>6</sup> As chamadas teorias do jornalismo, como agenda setting, espiral do silêncio e newsmaking, salientam a perspectiva transmissiva dos meios de massa, através dos quais observam-se temporalidades diferenciadas na recepção e circulação das informações. Mais recentemente, Braga (2006) chamou atenção para o que ele denominou sistema de resposta, segundo o qual a circulação é diferida e difusa após a recepção.

<sup>7</sup> O desenvolvimento da Internet 2.0 enfatiza a vocação colaborativa da hipermídia, na medida em que pressupõe a geração de grandes bancos de dados atualizados por colaboração, a partir do armazenamento remoto de informações. São exemplos *g-mail*, *Del.icio.us* e *YouTube*. Sobre o assunto ver, por exemplo, O’Reilly, 2005.

<sup>8</sup> Lévy (1999) diz que o virtual, um processo de descolamento do aqui e agora, não se opõe ao real, mas ao atual, configurando-se como um nó de tendências ou de forças que permeia uma experiência.

<sup>9</sup> Informação digitais referem-se à técnica de transformação de informações analógicas - relativas ao registro e transmissão de referências físicas - em configurações numéricas que codificam textos, sons e imagens no ciberespaço. Sobre o assunto ver POLISTCHUK e TRINTA, 2003.



para se tornar contingente e relativa. Frequentemente a noção de transmissão é substituída no ciberespaço pela idéia mais apropriada de associação, através da qual as informações são compartilhadas sincronicamente em múltiplas interconexões. Para Latour (1994, p. 74) “é essa troca que nos define, e não o calendário ou o fluxo que os modernos haviam construído para nós”. A lógica reticular da hipermídia e suas especificidades espaço-temporais fundam-se na noção de rede que, tal como uma teia, nos captura, envolve, intriga e integra.

## **2. Redes sociotécnicas contemporâneas: especificidades espaço-temporais**

A noção de rede é comumente relacionada às formas de comunicação na contemporaneidade e à sociedade que se forma sob tais condições sócio comunicacionais, sendo a internet exemplo máximo dessa questão. De modo geral, pode-se dizer que as redes são arquiteturas de informação interconectadas, ilimitadas, multidirecionais, interativas, descentradas, abertas e voltadas à cooperação<sup>10</sup> (CASTELLS, 2003).

Sendo potencialmente infinitas as interconexões que conformam a rede<sup>11</sup>, o que aparece nela é o conjunto de nós que permeia uma dada informação. Assim, a rede deve ser entendida com base numa lógica das conexões. Para Kastrup (2004), a lógica das conexões pressupõe uma concepção de tempo distinta do tempo histórico da modernidade, pois, nas redes, as conexões ocorrem em um presente dilatado, sobreposto, fluido, fragmentado, através do qual espaço e tempo se entrelaçam pela duração virtualizada no ciberespaço.

A lógica das conexões, entretanto, não pode ser compreendida meramente como a hegemonia do tempo, uma vez que a noção de espaço também se reconfigura nesse contexto. Foucault (1998) já chamava atenção para o fato de que a noção de espaço é historicamente determinada. Assim, ele explica, no Medievo imperava uma idéia hierárquica de lugares, que levava à noção de espaço como disposição. Essa noção foi substituída pela idéia de extensão no século 17, a partir da compreensão, fornecida por Galileu, de que o espaço era infinitamente aberto. O espaço contemporâneo, segundo

---

<sup>10</sup> Primo (2003) identifica três tipos de hipertextos, que variam conforme as possibilidades de participação social na produção das informações em curso: a) potencial, quando caminhos e movimentos possíveis estão pré-definidos; b) colaborativo, que constitui uma colagem de contribuições, sem discussões durante o processo criativo; e c) cooperativo, cuja produção de informações depende do debate.

<sup>11</sup> Sobre as interconexões que caracterizam a rede, ver DELEUZE e GATTARI, 1995. Os autores evocam o conceito de rizoma para discutirem seis princípios de funcionamento da rede: conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante, cartografia e decalcomania.

Foucault, refere-se às relações de proximidade entre pontos e elementos tecnicamente definidos. Ou seja, trata-se da apropriação técnica do espaço, cuja delimitação é dada por uma rede de relações constantemente reconfigurável.

Hoje o sítio substitui a extensão que, por sua vez, tinha substituído a disposição. O sítio define-se por relações de proximidade entre certos pontos e elementos; poderemos descrever formalmente essas relações como séries ou grelhas. Além disso, a importância do sítio como uma problemática no trabalho técnico contemporâneo é sobejamente conhecida: o armazenamento de dados ou de resultados intermédios de um cálculo numa memória; a circulação de elementos distintos com um output aleatório (exemplos simples: o tráfico automobilístico ou os sons da linha de telefone); a identificação de elementos assinalados e codificados que fazem parte de um todo, construído aleatoriamente ou segundo classificações, sejam elas simples ou múltiplas.(...) A nossa época é tal que os sítios se tornam, para nós, uma forma de relação entre vários sítios. (Foucault, 1998)<sup>12</sup>.

A constante reconfiguração das interconexões no ciberespaço remete ao conceito de não-lugar, dada por Augé (1994). Segundo ele, os lugares antropológicos se definem como identitários, relacionais e históricos, sendo fundados na territorialidade. Já os não-lugares, transitórios e efêmeros, são exemplificados pelas cadeias de hotéis, aeroportos, rodoviárias, ferroviárias, redes de cabo e sem fio, entre outros espaços do “em trânsito”. O desenvolvimento das redes sociotécnicas parece evidenciar a dimensão nômade dos intercâmbios de informações, que remetem ao conceito de não lugar. Este, entretanto, não se caracterizaria, no contexto ciberespacial, pela ausência de vínculos territoriais, mas pelo redimensionamento espaço-temporal de tais vínculos, que se desterritorializam e se reterritorializam constantemente pela lógica das conexões.

Se a rede produz tantas representações e mitos, é porque ela é uma técnica maior de organização do espaço-tempo. É uma matriz espaço-temporal: de um lado, a rede técnica abre a restrição espacial sem a suprimir e superpõe um espaço sobre o território – ela desterritorializa e reterritorializa – e, de outro modo, ela cria um tempo curto pelo rápido transporte ou pelo intercâmbio de informações. A rede de comunicação adiciona ao espaço-tempo físico um espaço ampliado e um tempo reduzido (MUSSO, 2004, p. 33).

O desenvolvimento da comunicação móvel, que remete à tentativa de localização constante em qualquer lugar e em qualquer momento, aumenta, paradoxalmente, a ligação com o território. Segundo Weissberg (2004), as noções de ubiqüidade e onipresença, freqüentemente relacionadas à comunicação móvel, levam à constituição de um híbrido território/rede comunicacional, que designa o compartilhamento

---

<sup>12</sup> [http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault\\_pt.html](http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html). Acesso: 26.05.2007.



simultâneo de vários lugares. “É por assimilação da continuidade temporal do vínculo comunicacional a uma plurilocalização instantânea que se pode falar de ubiquidade a propósito da comunicação móvel” (WEISSBERG, 2004, p. 121).

As redes sociotécnicas contemporâneas, portanto, desterritorializam e reterritorializam por intermédio dos intercâmbios ubíquos de informação. O desenvolvimento crescente da blogosfera<sup>13</sup> exemplifica essa situação. O tempo compartilhado nos espaços virtuais dos blogs, cada vez mais acessíveis e atualizáveis por dispositivos móveis de comunicação<sup>14</sup>, obedece à lógica das conexões e às possibilidades de interação social disponíveis em suas interfaces. Estas constituem espaços de fluxos<sup>15</sup> peculiares, capazes reconfigurar topologicamente a rede pelas interações sociais que através delas se processam. Recuero (2004) utiliza o termo *webrings* para denominar os círculos de blogueiros que lêem seus blogs mutuamente e interagem nesses blogs através das ferramentas de comentários. As interfaces dos blogs, portanto, espacializam as conexões temporais que conformam as redes sociais de blogs.

Para Virilio (1993, p. 52) o amálgama do espaço e do tempo gera a interface, “uma transmutação das aparências sensíveis em que a superfície não é nada mais que um ‘efeito de superfície’ momentâneo, o traço, um ‘efeito de trajeto’ instantâneo, e o volume é somente uma perspectiva acelerada, ou seja: uma anamorfose”.

A interface é a dimensão visível das conexões que conformam o ciberespaço e das temporalidades que o permeiam. Por ser parte de múltiplas conexões, a interface não é dotada de superfície nem de contorno definidos. Assim, mantém-se sempre aberta e expansível através de seus nós. Os fluxos de informação ‘costuram’ os nós que constituem as interfaces, através de interações sociocomunicacionais diversificadas. As informações que emergem desse contexto, portanto, podem ser compreendidas como a face visível das interações sociocomunicacionais que se processam no ciberespaço, conforme as possibilidades de linguagem disponíveis na interface.

Mas como as interfaces se irradiam através de múltiplas conexões no ciberespaço, as informações que delas emergem formam teias de relações constantemente expansíveis,

---

<sup>13</sup> A definição do termo disponível na Wikipédia ilustra a perspectiva reticular aqui evidenciada: “Blogosfera é o termo coletivo que compreende todos os weblogs (ou blogs) como uma comunidade ou rede social. Muitos blogs estão densamente interconectados; blogueiros lêem os blogs uns dos outros, criam enlaces para os mesmos, referem-se a eles na sua própria escrita, e postam comentários nos blogs uns dos outros. Por causa disso, os blogs interconectados criaram sua própria cultura”. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blogosfera>, acessado em 14 de Janeiro de 2007).

<sup>14</sup> Os moblogs (mobile weblogs), cujos conteúdos são acessíveis e atualizáveis por dispositivos móveis de comunicação, como celulares, exemplificam essa questão.

<sup>15</sup> Sobre espaços de fluxos ver CASTELLS, 1999.



cuja duração depende das temporalidades interpostas nessas interações sociocomunicacionais. Assim, a significação de uma informação se expande vertiginosamente pela rede, alterando sua topologia à medida que gera mais e mais interesse social.

Johnson (2001) chama a atenção para o fato de que o desenvolvimento das interfaces reflete o desenvolvimento da cultura contemporânea, que ele chama de cultura da interface. “Nossas interfaces são histórias que contamos para nós mesmos (...). Elas vão continuar a transformar o modo como imaginamos a informação e, ao fazê-lo, irão nos transformar também” (JOHNSON, 2001, p. 174).

Em um estudo sobre a semiose das interfaces jornalísticas, exemplificadas pelo *website* do diário argentino *El Clarin*, Scolari (2004) ressalta as especificidades espaço-temporais dessa modalidade jornalística, cujas interfaces interativas constituem espaço fragmentado que exige leitura multidirecional. Segundo ele, a hierarquização temporal das notícias na internet e sua permanente atualização produz uma inversão comunicativa em relação à referência impressa, na medida em que os jornais digitais passam a servir de referência para as publicações impressas das quais derivam.

Quando falamos da dimensão temporal não fazemos referência à redução dos ‘cliks’ necessários para se chegar a uma informação, mas a uma reestruturação da interface em função das novas informações que vão se somando e dos tempos do leitor (SCOLARI, 2004, P. 144)<sup>16</sup>.

A análise evidencia as especificidades espaço-temporais que diferenciam os jornais digitais de seus correlatos impressos. Entretanto, embora os jornais digitais propiciem maior autonomia do lugar lógico da recepção no acesso às informações e isso redimensione as temporalidades interpostas pela periodicidade, os fluxos de informação que conformam os jornais digitais orientam-se pela mesma perspectiva transmissiva dos jornais impressos.

Questão semelhante se observa na perspectiva de Fidalgo (2003)<sup>17</sup>. O autor defende a produção de notícias em base de dados, o que, segundo ele, tornaria o jornalismo digital mais flexível e adaptável aos critérios de consulta do leitor. Em base de dados, a informação se atualiza pela participação interativa dos internautas, podendo assumir matizes diferenciados na medida em que passado, presente e futuro tornam-se partes integrantes de uma informação cujos contornos são ilimitados.

---

<sup>16</sup> Cuando hablamos de la dimensión temporal no hacemos referencia a la reducción de los ‘clicks’ necesarios para llegar a una información, sino a una reestructuración de la interfaz en función de las nuevas informaciones que van sumando y de los tiempos del lector (tradução livre).

<sup>17</sup> [www.facom.ufba.br/pos/gtjornalismo](http://www.facom.ufba.br/pos/gtjornalismo), acessado em 14 de janeiro de 2007.



Mas a interlocução entre passado, presente e futuro se altera, de fato, quando os fluxos de informação se tornam acessíveis e atualizáveis em interfaces que privilegiam processos diversificados de mediação social. Isso porque a diversificação dos processos de mediação social amplia a variedade dos fluxos de informação que se interconectam nas redes sociotécnicas contemporâneas, conformando a emergência de formatos inovadores e plurais de informação.

Segundo Machado (2006), os sistemas tecnológicos elaboram linguagens que se organizam em discursos genericamente denominados formatos, cujo design revela os discursos produzidos em ambientes mediados pelas tecnologias da informação e da comunicação. Assim, ela afirma, não é o formato que produz discurso, mas a modelização semiótica de seu funcionamento. “Trata-se de um tipo de formação discursiva possível, não porque pressupõe a interação de interlocutores, mas sim porque algum dispositivo se encarrega de criar mediações sem as quais nenhuma enunciação se realiza” (MACHADO, 2006, p. 01). Os elementos semióticos que constituem os formatos só podem ser estudados por intermédio de suas interfaces, que os personalizam, atualizam, transformam.

*Websites* como *YouTube* e *Second Life* ilustram essa questão. O primeiro configura-se como uma grande base de dados da memória videográfica coletiva e o segundo como ambiente imersivo de interações sociais variadas. As interações sociocomunicacionais que se processam nesses *websites* dependem do modo como suas interfaces organizam a arquitetura de informação. As conexões realizadas, portanto, atualizam alguns fluxos de informação em detrimento de outros, ou seja, a durabilidade dos fluxos de informação nesses ambientes depende das conexões realizadas em torno deles e essas se processam conforme as possibilidades de linguagem fornecidas pelas interfaces.

O blog do presidente do Irã, Mahmood Ahmadinejad<sup>18</sup>, também é ilustrativo da questão. Em 16 de março de 2007, por exemplo, o blog apresentava a resposta que o presidente iraniano deu à mensagem de uma mãe norte-americana, cujo filho foi enviado para o Iraque. Ela se dizia insatisfeita com a política externa do presidente Bush e implorava para o Irã não atacar os Estados Unidos. Em resposta, o presidente do Irã dizia defender o respeito a todos os povos, inclusive os norte-americanos, e que torcia pela definição diplomática do conflito.

---

<sup>18</sup> <http://www.ahmadinejad.ir/> Acesso: 12.06.2007.



Esse diálogo ilustra como a diversificação das mediações sociais tecnicamente mediadas interfere nas interações sócio comunicacionais contemporâneas, promovendo a constituição de espaços de relações tecnicamente mediadas das quais emergem temporalidades instáveis. A durabilidade desse encontro virtual, acessível em quatro idiomas, se expande pelas conexões que o atualizam recorrentemente. As interfaces dos blogs, portanto, registram as temporalidades interpostas nas interações sociocomunicacionais, assim como os fluxos de informação que emergem dessas interfaces reterritorializam interações sociais espacialmente dispersas.

A navegação pelos fluxos de informação nas redes sociotécnicas contemporâneas se expande pelas interfaces de celulares, *laptops*, *palmtops* e *MP3 players*, o que contribui para disseminar a lógica espaço-temporal do ciberespaço para a sociedade em rede, como um todo. A perspectiva espaço-temporal dessas interconexões, ubíquas e onipresentes, evidencia a lógica reticular da hipermídia, que integra e refina a noção de rede intermediária de comunicação. Assim, a noção contemporânea de rede intermídia<sup>19</sup> leva em conta a interconexão de fluxos de informação interpessoais, massivos e colaborativos, mesclando aspectos das lógicas transmissiva e associativa de comunicação e enfatizando a perspectiva reticular da comunicação contemporânea.

### **3. A semiose das lógicas comunicacionais: co-existências**

Nos meios de comunicação de massa os fluxos de informação são regulares e uniformes, marcados por temporalidades específicas. A periodicidade jornalística, por exemplo, interfere na dinâmica temporal da apreensão social dos acontecimentos, que são transmitidos na perspectiva da contiguidade espacial, ou seja, como representações indiciais<sup>20</sup> determinadas pelos acontecimentos que lhes servem de referência.

Essa perspectiva temporal funda-se em seqüências cronológicas socialmente demarcadas, em “conjuntos temporais coerentes, que contribuem para configurar o

---

<sup>19</sup> SANTAELLA (1992) já chamava a atenção para o fato de que uma das características da cultura das mídias - cultura do descontínuo, que se funda na rede intermídia - é a mobilidade, através da qual uma informação passa de uma mídia a outra.

<sup>20</sup> As três categorias fenomenológicas de Peirce – primeiridade, secundidade e terceiridade – estabelecem relações lógicas entre os correlatos sógnicos, conferindo predomínios fenomenológicos diferenciados aos signos que emergem da semiose. A primeiridade refere-se às instâncias possíveis do fenômeno, a secundidade às condições de contiguidade entre signo e objeto e a terceiridade às generalizações, relativas aos hábitos interpretativos. As relações do signo com o objeto se desdobram, respectivamente, em ícone, índice e símbolo. Sobre o assunto ver, por exemplo, QUEIROZ, 2004.



espaço, o tempo, o tempo próprio dos indivíduos, o tempo social”... (VIRILIO, 1993, p. 82). Por causa disso, opera sob predomínio da determinação sógnica<sup>21</sup>.

A operação semiótica de determinação, que se baseia na idéia de transmissão, não acrescenta informações ao processo sógnico, pois apenas atesta no signo as informações provenientes do objeto. A determinação sógnica pressupõe contigüidade espacial entre signo e objeto, através da qual se produz interpretantes tão mais próximos quanto possível do objeto que o determinou.

A produção de interpretantes, ou semiose, envolve a operação semiótica de representação, que introduz, pela ação sógnica proveniente do interpretante, novas informações à determinação oriunda do objeto. Nesse contexto sógnico, a informação surge da ação simbólica do interpretante, que estabelece associações sógnicas razoavelmente livres e instáveis, para além da determinação transmitida pelo objeto. Assim, a semiose organiza fluxos de informação por associação sógnica e, ao fazê-lo promove deslocamentos espaço-temporais.

Os princípios reguladores da semiose<sup>22</sup> evidenciam a natureza temporal da semiose, que enfatiza a materialização circunstancial dos correlatos sógnicos. Na semiose peirceana as dimensões de espaço e de tempo se configuram como instâncias lógicas, relacionadas à permanência fugaz dos correlatos sógnicos. Assim, as configurações espaço-temporais dos fluxos de informação no ciberespaço podem revelar predomínios de primeiridade (presenteísmo), secundidade (contigüidade física, referência ao passado) ou de terceiridade (caráter dinâmico dos movimentos, tendência ao futuro).

Alguns experimentos estéticos no ciberespaço enfatizam a idéia de presenteísmo, estabelecendo conexões sógnicas cuja durabilidade remete à permanência fugaz dos correlatos sógnicos. Nesses casos, os fluxos de informação muitas vezes desdobram-se através de experiências imersivas de telepresença, que acontecem no espaço-tempo compartilhado virtualmente<sup>23</sup>. Tais fluxos de informação, desterritorializados e fugazes, podem existir apenas durante a interação imersiva, sendo a duração da experiência

---

21 A semiose peirceana refere-se ao processo de desdobramento contínuo de um signo em outro. Nesse processo, os três correlatos sógnicos – signo, objeto e interpretante – articulam-se continuamente, produzindo comunicação e cognição. O signo, ou semiose, desdobra-se a partir das seguintes operações semióticas: o objeto determina o signo, que por sua vez determina o interpretante. Este representa parcialmente o objeto que o determinou pela mediação do signo. As operações semióticas de determinação, representação e mediação são, portanto, complementares na semiose. Sobre o assunto ver Alzamora, 2004.

22 Queiroz (2004) identifica seis princípios reguladores da semiose, todos relacionados ao tempo: irredutibilidade da relação triádica, ação e processualidade, irreversibilidade, continuidade, convergência para o objeto dinâmico, tendência para o infinito.

23 Games, como Pac-Manhattan, propiciam atividade física junto com a interação social na rede, assim como as CAVEs (Cave Automatic Virtual Environment) lidam com a perspectiva estética da imersão interativa. Sobre o assunto ver ARAÚJO (2005).



compartilhada sua configuração espaço-temporal. Essas experiências imersivas, portanto, desestabilizam nossas referências espaço-temporais e nos desafiam a encontrar modos cada vez mais criativos de produzir fluxos de informação compatíveis com a lógica reticular da hipermídia.

Entretanto, esses fluxos, embora fugazes, permanecem em forma de linguagens e em bancos de dados. A semiose, assim, permite o fluxo de informações e a fixação destas informações no tempo e espaço, em forma de linguagens. Segundo Henn (2005), a semiose se encarrega de expandir e transformar as linguagens, ao mesmo tempo em que articula recursos de relativa permanência e memória.

Desta perspectiva, pode-se situar a semiose como processo de geração de signos multidirecional e simultâneo que, dependendo do fundamento e do suporte em que o signo se constitui, corresponderá a um complexo sógnico com infinitas possibilidades de interpretantes que oscilam entre a conservação e a inovação. Trata-se de um fenômeno que se dá no fluxo do tempo, inclusive como probabilidade. Na medida em que ela avança, vai gerando memória, concentrando presente, passado e futuro (Henn, 2005, p. 10).

Nessa perspectiva teórica, as dimensões espaço-temporais dos fluxos de informação se reconfiguram na semiose hipermidiática, referindo-se simultaneamente a movimentos e permanências: a perenidade dos fluxos de informação, constantemente acessíveis pelos bancos de dados, não se contrapõe à sua fugacidade, derivada dos processos de atualização constante.

A lógica reticular da hipermídia, aqui relacionada à lógica associativa da comunicação<sup>24</sup>, abriga e redimensiona a lógica transmissiva das mídias. Assim, não pode ser entendida como uma ruptura em relação à lógica transmissiva dos meios de massa, mas como um desdobramento semiósico desta lógica. Por causa disso, se caracteriza por ser uma lógica estratificada e plural, que tensiona a lógica midiática de comunicação.

É exemplo dessa questão o fechamento da rede de televisão venezuelana, RCTV, por decisão do presidente Hugo Chávez. Após ter perdido a concessão para transmitir em sinal aberto na Venezuela, em maio de 2007, a rede de televisão RCTV continuou a divulgar edições de seu noticiário *El Observador* na internet. Imediatamente, os vídeos se tornaram campeões de acesso no YouTube<sup>25</sup>. Ou seja, a internet, neste caso, não

---

<sup>24</sup> A semiose, ou mediação sógnica, pressupõe associação de novos signos à determinação sógnica transmitida pelo objeto. Assim, a diversificação dos processos de mediação social amplia os processos de associação sógnica, constituindo uma lógica reticular de conexões sógnicas da qual emergem diversificados fluxos de informação.

<sup>25</sup> Sobre o assunto ver, por exemplo, <http://la3.blogspot.com/2007/06/rctv-recorre-internet-para-driblar.html>. Acesso: 12.06.2006.

apenas abrigou e expandiu territorialmente os processos de comunicação de massa interrompidos por decisão política, como também tensionou essa decisão, ao amplificar e reterritorializar a capacidade de acesso ao noticiário.

A semiose das lógicas comunicacionais, portanto, se expande pela lógica das conexões hipermediáticas ao mesmo tempo em que se concretiza em interfaces que revelam o hibridismo dos processos contemporâneos de comunicação. Os portais de informação, que combinam aspectos interpessoais, massivos e colaborativos de comunicação, exemplificam esse imbricamento de lógicas comunicacionais típico da hipermídia.

O novo é, neste sentido, definido pela ligação, pela coexistência de diversas camadas do tempo, nunca perdidas, jamais ultrapassadas definitivamente, mas conservadas desde sempre e reunidas nas formas cognitivas da atualidade (Kastrup, 2004, p.89).

Fragmentados, sobrepostos, ubíquos e onipresentes, os fluxos de informação que emergem da semiose hipermediática revelam a lógica comunicacional que os delineiam. Todavia deve-se enfatizar que, embora favoreça o desenvolvimento de fluxos de informação inovadores, a lógica reticular da hipermídia abriga a diversidade, a coexistência. É por isso que fluxos de informação transmissivos se misturam aos fluxos de informação associativos no ciberespaço, compondo uma teia multiforme de informações. Nem sempre, porém, isso significa “melhor comunicação”. Segundo Wolton (2005, p.224) “quando tudo circula, permuta-se e se conecta, não é inútil lembrar que há sempre três situações: a partilha, a coabitação, a incomunicação<sup>26</sup>”.

#### **4. Fluxos contemporâneos de informação: devires**

Se a semiose se desdobra continuamente, direcionado os fluxos de informação para lógicas comunicacionais cada vez mais complexas, seria de se esperar que tais lógicas se aprimorassem continuamente, tornando os processos comunicacionais cada vez mais sofisticados e abrangentes. Por um lado, é isso que ocorre. É inegável que a lógica das conexões amplia as condições de agenciamentos sociocomunicacionais tecnicamente mediados, provocando deslocamentos espaço-temporais que favorecem a proliferação e a pluralidade de fluxos desterritorializados e reterritorializados de informação. Por outro lado, isso não torna necessariamente melhores os processos sociocomunicacionais.

---

<sup>26</sup> Para Wolton (2005) incomunicação refere-se ao último estágio da comunicação, no qual privilegia-se as trocas e o respeito pelo outro em detrimento da transmissão de informações.

Wolton (2005) chama a atenção para a confusão que recorrentemente se estabelece entre informação e comunicação, segundo a qual maior quantidade, diversidade e rapidez de fluxos de informação significaria melhor comunicação. Ele questiona a perspectiva transmissiva, que enaltece a dimensão unilateral dos fluxos de informação, e ressalta a necessidade de cooperação como condição para a comunicação, mesmo que isso signifique incomunicação.

Comunicação é sempre a relação entre um emissor, uma mensagem e um receptor. Comunicar não é só produzir e distribuir informação, é também ser sensível às condições nas quais o receptor a recebe, aceita-a, recusa-a, remodela-a, em função de suas escolhas filosóficas, políticas, culturais. A comunicação é a questão do receptor. (...) A comunicação começa quando se compreende que ela é diferente da informação e da transmissão” (WOLTON, 2005, p. 227).

Para o bem e para o mal, o certo é que a lógica reticular da hipermídia configura, de modo irreversível, os agenciamentos sociotécnicos contemporâneos. Exemplo marcante é o atentado ao *World Trade Center*, em 11 de setembro de 2001. O episódio, planejado para acontecer intermediaticamente, ao vivo e em escala mundial, teve sua duração ampliada pela repetição insistente das imagens do avião se chocando contra uma das torres diante do olhar perplexo do mundo inteiro. Desse modo, a duração do episódio foi temporalmente dilatada e espacialmente fragmentada, constituindo uma espécie de interconexão suficientemente forte para alterar as relações sócio-político-culturais em dimensão global.

Posteriormente outros atentados, como o ataque aos trens de Madrid, em 2004, e os diversos vídeos terroristas que circularam pela internet, evidenciaram a configuração em rede da *Al Qaeda*, cujas conexões sugerem atuação em perspectiva mundial. Essa rede terrorista se expande mundialmente, em múltiplas conexões, por intermédio da internet<sup>27</sup>.

No Brasil, em 2006, a facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC) literalmente parou São Paulo, a maior metrópole do país, com uma série de ataques deflagrados da prisão, através de telefones celulares. Por estes dispositivos móveis de comunicação, os bandidos definiram uma estratégia de ataques simultâneos na capital e no interior do estado e, através dos mesmos dispositivos, definiram a paralisação simultânea dos ataques. A significação desses acontecimentos foi ampliada exponencialmente pela repetição intermediática das imagens dos ataques, assim como

---

<sup>27</sup> O programa “A Nova Al Qaeda”, da Discovery Channel, conta a história de Babar Ahmad, um homem acusado pela fiscalização dos Estados Unidos de fomentar do seu escritório em Londres as atividades da Al Qaeda através da internet ([http://www.discoverybrasil.com/terrorismo/terrorismo\\_intro/index.shtml](http://www.discoverybrasil.com/terrorismo/terrorismo_intro/index.shtml)). Acesso em 13. 08.2006).



pela insegurança que se instalou virtualmente na sociedade, como um dever iminente conduzido pelos fluxos de informação.

Exemplos similares, porém mais prosaicos, podem ser retirados das mais diversas atividades cotidianas, tais como sistemas informatizados de coletas de dados, circuitos internos de televisão, *webcams*, *chips* e rastreamento de veículos via satélite. Esses dispositivos, em formas variadas, entrelaçam tempo e espaço pela duração virtualizada do ciberespaço. Configuram-se, portanto, pela lógica reticular da hipermídia: uma lógica de conexões fluidas, instáveis e plurais, que reconfigura e tensiona constantemente as referências espaço-temporais consolidadas pela lógica midiática de comunicação.

### Referências bibliográficas

ALZAMORA, Geane. Para além do jornalismo de massa: a diversidade da informação cultural na Internet. In PINTO, J; SERELLE, M (orgs). **Interações Midiáticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

\_\_\_\_\_. A semiose da informação webjornalística. In ALZAMORA, Geane et al (orgs). **Cultura em fluxo** – novas mediações em rede. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares** - introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

ARAÚJO, Yara G. **Telepresença** - interação e interfaces. São Paulo: Educ/Fapesp, 2005.

BRAGA, José L. **A sociedade enfrenta sua mídia**. São Paulo: Paulus, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet** – reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

DELEUZE, Gilles. **?Que és un dispositivo?**

<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art14.html>, 1990, acessado em 06 de fevereiro de 2006.

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **Mil Platôs**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FOUCAULT, Michel. **De outros espaços**. Trad.: Pedro Moura. In

[http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault\\_pt.html](http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html), 1998. Acesso: 26.05.2007.

HENN, Ronaldo. **A semiodiversidade diante da irreversibilidade do tempo**.

<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18180/1/R1464-1.pdf>, 2005, acessado em 15 de janeiro de 2007.



- JORGE, Ana M. **A não especialização do tempo na obra de Charles Sanders Peirce**. 8ª Jornada do Centro de Estudos Peirceanos, 28 de novembro de 2005.
- KASTRUP, Virgínia. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In PARENTE, André (org). **Tramas da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994.
- LEMONS, André. **Cibercultura** – tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.
- MACHADO, Irene. **Gêneros e/ou formatos: design de linguagem mediada**. Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa Semiótica da Comunicação – XXIX Congresso Nacional da INTERCOM, Brasília, Set. 2006.
- MORENTZSHON, Sílvia. **Jornalismo em tempo real-** o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2002.
- MUSSO, Pierre. A filosofia da rede. In: *In*: PARENTE, André (org). **Tramas da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- O'REILLY, Tim. O que é Web 2.0 - **Padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software**. In: <http://pressdelete.files.wordpress.com/2006/12/o-que-e-web-20.pdf>. Acesso em 26.05.2007.
- POLISTCHUK,I; TRINTA, A. **Teorias da comunicação** – o pensamento e a prática da Comunicação Social. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- PRIMO, Alex. Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva. **Fronteiras**: Estudos Midiáticos. São Leopoldo, v. 5, n.2, p. 125-142, 2003.
- QUEIROZ, João. **A semiose segundo Charles Sanders Peirce**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2004.
- RECUERO, Raquel. Webrings: as redes de sociabilidade e os weblogs. **Sessões do Imaginário**, Famedos/PUCRS, edição 11, 2004.
- SANTAELLA, Lúcia (1992). **Cultura das mídias**. São Paulo: Razão Social, 1992.
- SCOLARI, Carlos. Diários online: el tiempo del hiperlector. In ALZAMORA, Geane et al (orgs). **Cultura em fluxo** – novas mediações em rede. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.
- VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. São Paulo: Editora 34, 1993.
- WEISSBERG, Jean-Louis. Paradoxos da teleinformática. In: PARENTE, André (org). **Tramas da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.